

Cadernos de estágio

Desafios e conquistas: relato de experiência no ensino de jovens e adultos

*Gisele Camargo Monteiro*¹

Informações

1 gisele.cmonteiro@gmail.com

Como citar este texto

MONTEIRO, Gisele Camargo. Desafios e conquistas: relato de experiência no ensino de jovens e adultos. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 3, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n3ID40776](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n3ID40776).



Apresentamos o relato de experiência de estágio obrigatório supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), vivenciado na Escola Municipal Profª Maria de Lourdes Barbosa Santos, em Niterói, município do Rio de Janeiro. Trata-se de um momento significativo de aprendizado para o curso de Licenciatura em Pedagogia.

O estágio obrigatório é um período relevante, pois permite ao discente vivenciar um pouco da realidade das salas de aula, além de colocar em prática algumas teorias estudadas ao longo do curso, sendo ainda mais significativo para aqueles que ingressam em uma nova carreira após anos de atuação em outra.

164

Sou bibliotecária há 16 anos e continuo atuando na minha profissão. Já trabalhei em diversos segmentos de bibliotecas — jurídica, universitária, hospitalar, especializada e pública. No entanto, sempre estive, de alguma forma, ligada à educação, pois meus interesses acadêmicos giram em torno da leitura e das bibliotecas escolares.

Os dias de estágio na EJA me possibilitaram uma reflexão sobre a importância do professor e da EJA na sociedade. Pude perceber o quanto e como podemos contribuir, caso realmente assumamos o compromisso de sermos agentes de transformação e de formar pessoas independentes e críticas, como diz Freire (2015, p. 39): “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve

o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.”

Ou seja, a prática docente não consiste apenas em ensinar ou realizar atividades, mas envolve um processo reflexivo e crítico quando se assume a postura de mediador em um processo no qual os alunos consigam refletir sobre suas práticas diárias e entendam a importância de estarem comprometidos não apenas com sua própria formação, mas também com a comunidade à qual pertencem.

Observação da escola e condições da eja

A escola está bem conservada, pintada e com instalações em boas condições. Possui oito salas — quatro no primeiro andar e quatro no segundo —, além de refeitório, despensa, dois banheiros, secretaria, direção, um banheiro para funcionários, uma sala para pedagoga, que também é utilizada pelos professores, sala de TV, sala de leitura e sala de recursos. A secretaria funciona apenas às terças e quintas-feiras, no horário das 18h30 às 21h.

A escola possui apenas uma turma de EJA, multisseriada, que divide a sala com as turmas infantis do turno da manhã e da tarde, e conta com apenas uma professora. A turma tem 21 alunos, sendo o mais velho com 71 anos e o mais novo com 17. Há alunos com dificuldades cognitivas e motoras, no entanto,

como não possuem laudos comprobatórios, não lhes são oferecidos suportes extraclasse.

A professora regente é graduada em Pedagogia, possui especialização em Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mestrado em Educação Básica e, atualmente, cursa o doutorado em Educação. Este é o seu segundo ano de atuação na EJA, uma escolha feita por iniciativa própria, considerando necessidades pessoais.

A escola não conta com um projeto pedagógico específico para a EJA, nos conselhos de classe e nas reuniões de planejamento – que ocorrem trimestralmente e semanalmente, respectivamente – entre a professora regente e a diretora, além de discutirem sobre os desafios, avanços e preocupações relacionados à turma, buscam formas de integrar as atividades da EJA ao planejamento pedagógico para as crianças. A coordenação pedagógica é única para todos os segmentos da escola.

Perceber que a EJA não é valorizada na rede é bastante preocupante, afinal, apenas 10 escolas municipais oferecem essa modalidade. A escola é estruturada para crianças: as carteiras e salas são pequenas, não há espaço acessível para pessoas com deficiência, não há armário para a professora da EJA, nem merendeira no turno da noite, e o lanche ou jantar é servido pela diretora. Também não há vigia, o que gera preocupação com a violência por parte dos alu-

nos, da professora e da diretora.

Nos últimos 10 anos, a modalidade sofreu uma redução de 97% nos recursos investidos, conforme aponta o dossiê Em busca de saídas para a crise das políticas públicas de EJA (2022), uma iniciativa do Movimento Pela Base, produzido em parceria com a Ação Educativa, o Cenpec e o Instituto Paulo Freire.

A situação da EJA na escola em questão revela um cenário preocupante, marcado pela falta de valorização e recursos adequados. Apesar das boas condições físicas da escola e da dedicação da professora regente, os alunos enfrentam desafios, como a ausência de suporte específico e a inadequação das instalações às suas necessidades.

A escassez de projetos voltados para a EJA e a redução drástica de investimentos nos últimos anos evidenciam a necessidade urgente de uma reavaliação das políticas públicas voltadas para essa modalidade de ensino. É fundamental que a comunidade escolar, juntamente com as autoridades competentes, busque soluções que garantam um ambiente mais inclusivo e seguro, promovendo assim uma educação de qualidade para todos os alunos, independentemente de sua idade ou condição.

Conhecendo a turma e suas singularidades

A turma da EJA apresenta um grupo de pessoas com peculiaridades mui-

to próprias. Os alunos são moradores de bairros periféricos e comunidades, pertencentes à classe C, trabalhadores e com histórias de vida muito sofridas, que, por razões diversas, optaram por voltar à escola depois de tanto tempo.

Alguns têm o sonho de aprender a ler, outros querem escrever o nome dos próprios filhos. Há aqueles que desejam ajudar os filhos ou netos nas tarefas da escola, os que buscam melhorar de emprego ao adquirir um diploma, adolescentes que, por alguma questão familiar, estavam fora da escola e foram encaminhados pelo Conselho Tutelar e, ainda, aqueles que usam a escola como recurso de socialização mais do que com objetivos educacionais.

166

Notamos que os alunos da EJA são, especialmente, adultos, mulheres negras e idosos. Essas pessoas costumam ter responsabilidades familiares e empregos, tanto em casa quanto fora, o que torna a ida à escola, após um dia cansativo de trabalho, bastante complicada. No entanto, se o acesso já é difícil, a permanência na escola é ainda mais desafiadora.

O alto índice de evasão é um dos principais obstáculos enfrentados por essa modalidade de ensino. Segundo Nascimento (2022), a taxa de evasão escolar na EJA é de 73% no Brasil. No caso específico dos alunos dessa turma, uma reclamação constante, e justificativa para a desistência, é a falta de escolas que ofereçam a modalidade próximo

aos bairros onde eles residem.

Dos 21 alunos matriculados na turma, apenas 7 são homens. Os ciclos estão divididos da seguinte forma: Greja¹ 1 – 6 alunos, Greja 2 – 3 alunos, Greja 3 – 2 alunos, Greja 4 – 4 alunos e Greja 5 – 4 alunos. Os alunos têm graus de desenvolvimento variados e, para melhor organizar os conteúdos, a semana é dividida da seguinte forma: segundas e terças-feiras – conteúdo do 1º e 2º ano do EF; quintas e sextas-feiras – conteúdo do 3º ao 5º ano do EF; quarta-feira – atividades lúdicas ou artísticas para todos.

Os alunos gostam de compartilhar suas experiências de vida, de se ajudarem nas lições, vibram e fotografam quando conseguem escrever uma palavra com autonomia. A professora estimula esse espírito de cooperação, elogios e amizade entre eles e sempre procura deixar o ambiente animado com música e atividades lúdicas e artísticas, como jogos e artesanato. Os estudantes são muito engajados nas atividades artísticas que envolvem música, desenho, artesanato e filmes.

O processo de avaliação dos alunos é contínuo. As considerações da professora estão em relatórios de acompanhamento de atividades e se dão através da observação em sala de aula. A escola não adota testes e provas para a turma. Um dossiê é construído para cada aluno durante todo o processo, com as observações da professora e atividades executadas em sala de aula, visando acom-

panhar o progresso do aluno em cada aspecto.

Neste caso, notamos que o conceito de avaliação corresponde ao que Luckesi (2005) defende como um ato amoroso, inclusivo, dinâmico e construtivo, no qual o professor acolhe o aluno em sua realidade.

A professora demonstrou contentamento em poder fazer as avaliações com todos os alunos ao mesmo tempo, já que agora conta com o auxílio de uma estagiária. Essas avaliações não têm uma periodicidade rígida. A partir do andamento das aulas, a professora percebe se é o momento de avançar com os conteúdos e planejar alguma atividade avaliativa.

167

O maior desafio encontrado em sala – além das questões estruturais citadas anteriormente – é atender a todos os alunos de forma personalizada, principalmente os alunos novos que estão na fase de alfabetização. Devido ao fato de ser uma turma multisseriada e ter apenas uma professora regente, tanto a professora quanto os alunos ficaram muito alegres em terem “duas professoras” para ajudá-los.

O frio na barriga da primeira regência

A escolha do tema não foi muito difícil, pois, ao acompanhar a turma, já tinha intimidade com os alunos e conhecimento sobre os assuntos que os

cativavam: trabalho, desigualdade social, racismo e família. Também já estava familiarizada com os temas tratados em sala, as leituras e as atividades aplicadas com a turma, então pegar o gancho não foi difícil.

Escolhi abordar o racismo e explorar o uso do dicionário – que a professora já havia introduzido há um tempo, mas ainda não tinha colocado em prática. Ao compartilhar minha ideia com a professora, ela adorou. Como o foco do planejamento é perpassar, sempre que possível, os conteúdos pela arte, trabalhamos com uma música e um livro.

A professora já havia introduzido o assunto exibindo o filme *Medida Provisória*, como combinado em conversa anterior, e houve uma atividade em que se leu um livro chamado *Bichonário*, que dava significados poéticos aos animais, seguindo a ordem alfabética.

Durante as discussões sobre o filme, houve muitos relatos compartilhados de situações de racismo. Falamos sobre racismo estrutural, reparação histórica, colorismo e a tipificação do racismo como crime. A partir dessas observações, o tema e o formato da aula já estavam desenhados.

A pesquisa bibliográfica também já estava praticamente pronta, pois eu já tinha leitura prévia dos livros *Racismo Estrutural*, de Silvio de Almeida e *O que é lugar de fala?*, de Djamila Ribeiro, além de contato com alguns trechos do livro *Quarto de despejo: diário de uma favela-*

da, de Carolina Maria de Jesus, e conhecimento sobre a história da autora.

No livro de Silvio de Almeida, ele discute, a partir do conceito de racismo estrutural, como o racismo está na estrutura social, política e econômica da sociedade brasileira, o que acabou tornando o racismo algo naturalizado, além da necessidade de se combater essa ideia.

Djamila Ribeiro aborda, em seu livro, a importância de se ouvir diversos discursos, entendendo não só a relevância do que se fala, mas também de quem fala, pois quem anuncia o discurso carrega em si a influência de vivências e narrativas de outras pessoas ao se posicionar política, social e economicamente.

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é um compilado dos diários de Carolina sobre a realidade da pobreza extrema, discriminação racial e de gênero, as lutas diárias da vida cotidiana na favela, suas opiniões sobre política e sociedade, além de situações do dia a dia.

A música, especialmente o samba, já faz parte da minha vida. Por isso, escolhi trabalhar com a letra de um samba de Jorge Aragão. Finalmente, pesquisei sobre a Lei 14.532/2023, que incluiu injúria racial na Lei de Crimes Raciais, no site do Senado Federal, para conhecer os detalhes da legislação.

Após uma breve releitura dos livros indicados no item anterior, imprimi có-

pias da letra do samba Identidade, de Jorge Aragão, verifiquei a existência de dicionários da língua portuguesa na sala de leitura da própria escola e conferi se havia número suficiente de exemplares.

Como tenho certa facilidade de acesso a livros, pedi emprestado uma edição muito especial do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* a uma amiga. A edição de 1960 possui autógrafo e dedicatória da autora. Achei que seria interessante mostrar a eles um livro antigo, materializando uma pessoa que tem um perfil muito próximo ao deles.

O grande dia

Este momento foi envolvido por muita ansiedade, tanto da minha parte quanto da deles. Eu sempre era questionada sobre quando daria aula para eles. A professora regente avisou previamente que aquele dia finalmente tinha chegado. Cheguei e já fui invadida por perguntas sobre como seria a aula, qual seria o tema e se o “dever” estava difícil.

Depois das rotinas iniciais com a professora, iniciei a aula convidando os alunos a escutar uma música. Perguntei se conheciam o cantor, falei um pouco sobre sua vida, o período em que a música foi escrita e perguntei sobre o que eles achavam que o cantor estava falando.

A resposta foi excelente! Rapidamente surgiram pontos de vista sobre não poder usar o elevador, sobre ser negro,

pobre, e sobre o filme assistido anteriormente. Não apenas Medida Provisória, mas também Estrelas Além do Tempo — ambos abordam a temática do racismo. Muitos relatos pessoais também foram compartilhados.

Depois, li um trecho do livro de Carolina Maria de Jesus e perguntei quais impressões tiveram. Foram levantadas questões como: a diferença de linguagem, o diálogo parecido com o de “gente comum” e o fato de ser uma pessoa pobre. Conversamos também sobre o tipo de produção textual que era aquela. Nesse momento, contei um pouco da história da autora e mostrei o exemplar com autógrafo.

169

Foi uma alegria! Eles se reconheceram enquanto pessoas que estão aprendendo a ler e que podem conseguir, percebendo que não precisam se envergonhar por ainda não “saberem direito as letras”. Outros chamaram atenção para a data e falaram sobre suas vidas - se eram crianças, onde estavam na época e se a data coincidia com algum evento marcante da vida deles.

Para finalizar, li a letra da música e expliquei a atividade proposta. Surgiram comentários sobre a poesia presente na música e como ela era forte e significativa. Encerrei a troca de ideias comentando sobre como a arte pode ser usada para abordar diversos assuntos complexos de diferentes formas.

Em seguida, dividi a turma em duplas - um aluno com habilidade de lei-

tura mais desenvolvida junto a outro iniciante - e distribuí cópias da letra da canção e os dicionários, também solicitei que escolhessem 3 palavras para buscarem o significado no dicionário.

Mostrei e expliquei a estrutura da publicação, suas partes e como usá-la. Durante a atividade, surgiram muitas descobertas, como perceber que no dicionário os significados são diferentes dos que imaginavam ou que eles já conheciam alguns significados, mas achavam que não sabiam.

A atividade correu bem! A turma interagiu, trabalhou coletivamente, e houve envolvimento até dos mais tímidos. Apenas uma aluna não participou de toda a atividade - uma estudante que normalmente tem dificuldade em interagir com os colegas e preferiu ficar usando o celular. A professora acompanhou todos os passos e fez anotações sobre o progresso deles. As atividades finalizadas ficaram com ela para incorporação nos relatórios dos alunos.

Comentários e considerações

A experiência na EJA foi muito interessante. Lidar com o público jovem, adulto e idoso torna a atuação mais reflexiva de uma forma pessoal. Ouvimos relatos de abandono, solidão, violência e abuso de entorpecentes. Somos convidados a colaborar com cestas básicas, chá de fraldas, entre outras causas. Os assuntos que os cativam são trabalho,

desigualdade social, racismo e família.

O planejamento pedagógico busca associar os conteúdos escolares a esses interesses, utilizando recursos como exibição de filmes, confecção de artesanatos, contação de histórias e produção de desenhos. A professora estimula a criação de laços de cooperação com atividades em grupo. Às vezes, os alunos escolhem os grupos; em outras ocasiões, ela os organiza de forma a colocar alunos mais adiantados junto com os mais iniciantes.

Apesar das aulas ocorrerem com muito acolhimento, escuta e criatividade por parte da professora regente, não há como negar a necessidade de uma formação continuada específica para a EJA – uma modalidade de educação extremamente desafiadora – para atuar bem junto a este público tão peculiar, que inclui jovens, adultos e idosos.

A equipe pedagógica decide o projeto escolar com as turmas dos turnos da manhã e da tarde e, depois, compartilha com a turma da EJA. Acompanhei a reunião de planejamento, onde o projeto foi informado e pediram que a professora desse ideias para a inclusão dos alunos no projeto, o que demonstra total desconsideração pela modalidade.

Pude observar também que as atividades dos sábados letivos são todas organizadas e direcionadas às crianças. Os alunos da EJA são convidados a participar, mas há pouca adesão, e essa é uma das justificativas para que não

haja atividades específicas para o público jovem e adulto.

Quanto à regência, concluo que foi uma experiência muito enriquecedora – não só a aula, mas também todo o período em que estive com a turma. Os alunos contribuíram muito para a ampliação dos conhecimentos teóricos aprendidos nas aulas do curso de Pedagogia e para compreender as realidades do ambiente educacional do município.

Foi um momento rico de reflexão sobre a práxis pedagógica, sobre a relação dialógica educador-educando, conteúdos disciplinares, leitura e releitura de mundo. Compartilhei experiências, desafiei minha criatividade, acompanhei progressos e descobertas. Aprendi, entre muitas coisas, que aprender pode e deve ser leve e divertido em qualquer idade. Vi a felicidade se expressar em cada rosto ao descobrir autonomia em alguma atividade.

Percebo o quanto o estágio obrigatório supervisionado é importante para a formação do futuro educador. Como graduanda do curso de Pedagogia e futura docente, ter contato direto com a realidade profissional, na qual venho me inserindo, e conhecer os desafios da EJA foi indispensável para definir os rumos da minha formação profissional – e, principalmente, humana.

Referências:

AÇÃO EDUCATIVA; CENPEC; INSTITUTO PAULO FREIRE (org.). **Em busca de saídas para a crise das políticas públicas de EJA**. São Paulo: Ação Educativa, 2022. Disponível em: <https://observatorio.movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2022/10/dossieeja.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e criando a prática. 2. ed. Salvador: Malabares Comunicações e Eventos, 2005.

NASCIMENTO, I. E. Evasão Escolar na Educação de Jovens e Adultos. **Revista de Psicologia**, [S. l.], v.16, n. 61, p. 115-127, jul. 2022. DOI: 10.14295/online.v16i61.3515. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/issue/view/84>. Acesso em: 22 mar. 2025.